

O FMI, o Nobel e os pintinhos do Marrocos

LIÇÃO DE UM ECONOMISTA PREMIADO: TAMBÉM PARA LIBERALIZAR É PRECISO PLANEJAR

ROLF KUNTZ

Chegou aos pintinhos do Marrocos a briga entre o Fundo Monetário Internacional e Joseph Stiglitz, ganhador do Prêmio Nobel de Economia do ano passado. A discussão pode parecer bizarra, num momento de crise, mas, pensando bem, não fica fora de contexto, diante dos apertos do Brasil e de outros emergentes.

O diretor-adjunto do Departamento de Relações Externas do Fundo, Graham Hacche, escreveu à revista *The New Yorker* para informar que a instituição jamais aconselhou o governo do Marrocos a respeito da distribuição de frangos. Essa carta, a propósito de uma resenha do livro “Globalization and its Discontents” (A Globalização e seus Descontentes), de Stiglitz, foi mais uma oportunidade para se desancar um dos mais virulentos críticos do FMI. O

economista-chefe, professor Kenneth Rogoff, e o porta-voz do Fundo, Thomas Dawson, já haviam dito horrores, em público, sobre o livro de Stiglitz e principalmente sobre sua personalidade.

Segundo eles, o livro contém uma porção de falsidades e de injustiças, produzidas por um sujeito de talento inegável e de grande competência acadêmica, mas um tanto megalomaníaco e propenso à calúnia. O pessoal do Fundo reagiu de forma especialmente indignada à insinuação de que Stanley Fischer, antecessor de Anne Krueger como número dois do Fundo, tenha sido premiado com um cargo no Citigroup por haver de-

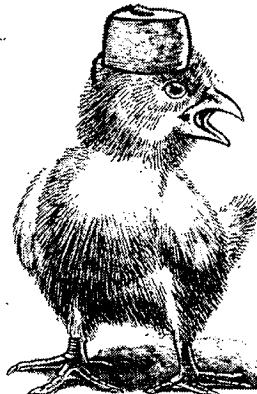
fendido os interesses do setor financeiro.

A acusação, tal como formulada na página 19 do livro, vale também para ministros de Finanças e de Comércio e para presidentes de Banco Central. Essas pessoas, segundo Stiglitz, normalmente refletem os interesses de grupos específicos. A singeleza dessa concepção contrasta, certamente, com a sofisticação que se espera de um ganhador do Prêmio Nobel. Mesmo sem a maledicência, isso justificaria certa cautela diante dos comentários de Stiglitz. Mas o livro não é apenas uma coleção de calúnias e injúrias, apesar do empenho de Stiglitz em arrasar a reputação do Fundo e de seu pessoal.

O autor de uma resenha afirmou que o FMI, e não a globalização, é realmente o tema do livro. Isso não é exato. O Fundo aparece no texto como saco de pancadas, acusado de promover uma

porção de erros, mas há muito mais que isso nas 282 páginas do volume. O texto contém uma rica discussão de como o Consenso de Washington e a globalização afetaram as várias economias. O Fundo foi um dos agentes desse processo, mas o Banco Mundial, do qual Stiglitz foi vice-presidente e economista-chefe, também ajudou a propagar, nos anos 80 e ao longo da maior parte dos 90, a onda liberalizante.

Muitas mudanças que ocorreram nesse período foram necessárias, particularmente em países com baixos padrões de gestão monetária e fiscal. Mas a cartilha do Consenso foi aplicada, quase sempre, de forma dog-



gem porque os mercados falharam em prover serviços essenciais.”

Este ponto está longe de ser irrelevante. De fato, não faz muita diferença que o governo tenha deixado de fornecer os pintinhos por sugestão do FMI ou por sua iniciativa. Como não faz diferença que o Fundo tenha ou não estimulado o governo da Costa do Marfim a privatizar a telefonia antes de regular a atividade ou de criar condições para a competição. Sem esse cuidado, um monopólio foi entregue a uma firma francesa e as tarifas aumentaram tanto que estudantes universitários não podiam usar a internet. Privatização sem regulamentação ou sem sequência planejada: isso parece familiar a algum brasileiro? Que tal privatizar a distribuição de energia elétrica sem ter planejado a geração? Ou garantir compensação às distribuidoras, à custa dos consumidores, em caso de aumento ou, também, de redução do consumo? Ou abrir o mercado e valorizar a moeda nacional, ao mesmo tempo, sem cuidar do poder de competição das empresas locais? Stiglitz teria muito que dizer sobre tudo isso, se quisesse dedicar um capítulo ao Brasil. O que ele propõe de mais importante, no livro, é uma boa discussão de como tantos governos embarcaram, sem nenhum cuidado, na aventura da privatização de atividades essenciais, de abertura de mercados e de liberalização dos fluxos de capitais. Tudo isso pode ter seu lado positivo, mas não porque os mercados, sozinhos, garantam que a história terá um final feliz. Quando não tem, são os pobres que pagam a conta mais pesada.

■ Rolf Kuntz é jornalista